



# O PROCESSO DE CONVERSÃO MORFOLÓGICA: INTERAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E DE SENTENÇAS<sup>1</sup>

THE PROCESS OF MORPHOLOGICAL CONVERSION:  
THE INTERACTION BETWEEN WORD AND SENTENCE FORMATION

Dalila Maria de Souza<sup>2</sup>  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

Paula Roberta Gabbai Armelin<sup>3</sup>  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

*Resumo:* Este trabalho se insere no âmbito dos estudos que investigam a interface entre morfologia e sintaxe. Para tanto, o fenômeno discutido é o processo de formação de palavras denominado Conversão Morfológica, que se caracteriza pelo fato de uma mesma forma linguística poder ser classificada em diferentes categorias lexicais sem sofrer, no entanto, qualquer alteração morfológica. Propomos, a partir de uma perspectiva sintática de formação de palavras, que a existência de um fenômeno linguístico como a Conversão é uma forte evidência de que a categoria é resultado não de uma especificação lexical, mas da organização dos morfemas no interior da palavra e do ambiente sintático propriamente dito em que essas formações se encontram, revelando uma forte interação entre a estrutura da palavra e a estrutura da sentença.

*Palavras-Chave:* Conversão Morfológica; Categorização; Morfossintaxe.

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de projeto de pesquisa financiado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, processo número 45753. Os autores agradecem à audiência do IV Colóquio Brasileiro de Morfologia pelas importantes observações e também aos pareceristas anônimos pelas relevantes contribuições à versão final deste artigo.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: dalilamasouza@gmail.com.

<sup>3</sup> Endereço eletrônico: paula.rg.armelin@gmail.com.

---

*Abstract: This work is inserted within the studies that investigate the interface between morphology and syntax. The empirical phenomenon discussed in this paper is the process of word formation known as Morphological Conversion, which is characterized by the fact that the same linguistic form may be classified in different lexical categories without showing, however, any morphological change. We propose, from a syntactic perspective of word formation, that the existence of a linguistic phenomenon such as Morphological Conversion is a strong evidence that the category results not from a lexical specification, but from the organization of the morphemes within the word and from the syntactic environment itself in which these formations are inserted, revealing a strong interaction between the structure of the word and the structure of the sentence.*

*Keywords: Morphological Conversion; Category; Morphosyntax.*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no âmbito dos estudos que investigam a interface entre a formação de palavras e de sentenças ou, mais especificamente, as possibilidades de interação entre o que tradicionalmente se conhece como morfologia e sintaxe. Para tanto, o fenômeno empírico discutido neste trabalho é o processo de formação de palavras denominado Conversão Morfológica.

De maneira geral, tal fenômeno se caracteriza pelo fato de uma mesma forma linguística poder ser classificada em diferentes categorias lexicais sem sofrer, no entanto, qualquer alteração morfológica (CUNHA e CINTRA, 1985; DON 1993; BAUER e VARELA, 2005; VILLALVA, 2013). Mais especificamente, neste trabalho discutimos relevantes problemas encontrados em análises dentro do quadro teórico lexicalista e apontamos que o fenômeno da Conversão traz bons argumentos a respeito da hipótese das raízes acategoriais, tal como proposto nas perspectivas sintáticas de formação de palavras (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; BORER, 2005a, 2005b, 2013).

Embora, por limitações de espaço, fuja do escopo deste artigo tratamentos específicos para os diferentes tipos de Conversão, apresentaremos brevemente para sustentação da discussão os seguintes casos de Conversão: (a) entre verbos na forma infinitiva e nomes (1a-b) e (b) entre adjetivos e substantivos (2a-b). Tal recorte evidentemente não esgota todas as possibilidades de alternância categorial que envolvem o fenômeno, mas parece ser, pelo menos, esclarecedor a respeito da natureza do processo.

- (1) a. Os pássaros gostam de cantar pela manhã.  
b. O cantar dos pássaros pela manhã encanta a todos.
  
- (2) a. O menino bonito chegou.  
b. O bonito chegou.

De fato, a natureza da Conversão é tema de debate na literatura, de modo que esse fenômeno tem recebido diferentes análises, a partir de diversas

---

perspectivas teóricas, revelando uma hesitação a respeito de qual seria exatamente o componente da gramática em que ele deveria ser tratado. Para alguns autores, por exemplo, a ocorrência desse fenômeno deve ser atribuída ao campo da semântica (SAID ALI, 1965; CUNHA e CINTRA, 1985). Outros autores, por sua vez, atribuem a Conversão ao componente lexical, responsável, nessa perspectiva, por formar as palavras que serão posteriormente organizadas no interior da sentença (BASÍLIO, 1982; FLORES, 2013; LIEBER, 2005; VILLALVA, 2013).

Neste trabalho, propomos que a existência de um fenômeno linguístico como a Conversão é uma forte evidência de que a categoria é resultado não de uma especificação lexical, mas da organização das peças no interior da palavra e do ambiente sintático propriamente dito em que essas formações se encontram, já que uma mesma raiz em diferentes ambientes funcionais pode gerar diferentes categorias. Para tanto, apoiamos-nos em uma perspectiva sintática de formação de palavras (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; BORER, 2005a, 2005b, 2013), que propõe que palavras, sintagmas e sentenças são construídas no mesmo componente – a sintaxe – e através dos mesmos mecanismos. Tal quadro se mostra apropriado para a análise da Conversão, uma vez que as tradicionais categorias lexicais – nome, verbo, adjetivo – não têm estatuto de primitivo dentro dessa perspectiva, sendo meramente consequência das relações estruturais que se estabelecem em torno de uma raiz acategorial, seja através da postulação de núcleos categorizadores especializados, como faz a Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), seja através de núcleos de Projeção Estendida, como faz o modelo Exo-esquelético (BORER, 2005a, 2005b, 2013).

Propomos, então, que o processo de Conversão é sintático, na medida em que o contexto estrutural é responsável por mapear as propriedades categoriais dos elementos que fazem parte da sentença. Nesse sentido, a natureza categorial fica evidente somente a partir da distribuição e do comportamento sintático das formas. Portanto, a Conversão Morfológica, fenômeno em que a mesma forma aparece em diferentes categorias, é reanalisado como uma mesma realização morfofonológica ocorrendo em diferentes ambientes sintáticos.

Dessa maneira, neste trabalho, promovemos uma análise crítica das propostas de teor lexicalista apresentadas para a Conversão, evidenciando seus problemas e propiciando a abertura de uma perspectiva sintática do fenômeno, com base nos pressupostos não-lexicalistas. Mais especificamente, este trabalho abre perspectivas para a investigação a respeito de definições sintáticas para as chamadas categorias lexicais em termos da sua constituição de traços e de sua Projeção Estendida (GRIMSHAW, 1991; BORER, 2005a, 2005b, 2013). Em linhas gerais, lançamos como hipótese inicial a seguinte definição: (i) substantivo – um elemento com traço de gênero valorado e c-comandado por um núcleo D; (ii) adjetivo – um elemento cujos traços de gênero e número são valorados somente

---

via *Agree* (CHOMSKY, 2001) e (iii) verbo – uma raiz que é c-comandada por uma projeção estendida contendo ASP e T.

Para tanto, este artigo está dividido da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos uma breve caracterização do fenômeno da Conversão; na seção 2, inserimos o fenômeno em uma discussão teórica mais ampla a respeito do lugar da formação de palavras na teoria da gramática, focando, mais especificamente, no debate entre propostas lexicalistas e não lexicalistas; na seção 3, por sua vez, apresentamos uma abordagem sintática para a Conversão, atentando para a adequação teórica e empírica de se tratar a categoria como um fenômeno também sintático; por fim a última seção traz as considerações finais do artigo.

## 1 UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

A Conversão Morfológica é tradicionalmente caracterizada a partir da possibilidade de uma mesma forma linguística se superficializar em diferentes contextos categoriais sem, no entanto, sofrer qualquer alteração na sua forma, tal como exemplificamos abaixo:

- (3) a. O difícil não é ser pontual.
- b. Ela adora falar difícil.
- c. Não me faça pergunta difícil

Nos dados acima, o item *difícil* aparece em três diferentes categorias, a saber, como substantivo em (3a), como advérbio em (3b) e como adjetivo em (3c). A natureza categorial desse elemento, no entanto, não é diretamente previsível a partir da sua forma morfológica, mas depreendida a partir da relação que ele estabelece com os outros elementos da sentença. As evidências para a classificação da categoria, nesse sentido, extrapolam o nível da estrutura interna da palavra.<sup>4</sup>

Do ponto de vista empírico, é importante notar que o escopo desse fenômeno é consideravelmente abrangente. É possível encontrar na tradição gramatical, por exemplo, as seguintes possibilidades de ocorrência do fenômeno da Conversão:

---

<sup>4</sup> Como observado por parecerista anônimo, nem toda formação pode corresponder a qualquer categoria sintática. Os limites da Conversão fogem ao escopo deste artigo, mas ressaltamos que, em uma perspectiva sintática, algumas possibilidades de limites se mostram possíveis. Uma delas é dizer que os casos não aceitos sejam apenas resultado de uma ausência de pareamento de significado enciclopédico de um determinado arranjo de núcleos funcionais associados a determinadas raízes. Outra possibilidade é assumir algum tipo de semântica abstrata prévia na própria raiz.

- 
- (4) a. de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame, quixote*;  
b. de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;  
c. de adjetivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;  
d. de substantivos a adjetivos: *burro, (café)-concerto, (colégio)-modelo*;  
e. de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! Viva!*  
f. de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;  
g. de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já...já*;  
h. de participios (presente e passado) a preposições: *mediante, salvo*.  
i. de participios (presente e passado) a substantivos e adjetivos: *conteúdo, resoluto*.

(CUNHA e CINTRA, 1985, p.103)

De fato, a natureza da Conversão Morfológica, ainda é tema de debate na literatura, de modo que o fenômeno tem recebido diversas nomenclaturas a depender da perspectiva de análise adotada. Algumas nomenclaturas encontradas na literatura podem ser vistas abaixo:

- (4) a. Derivação Inorgânica (MURIEL, 1910);  
b. Habilitação (NUNES, 1930);  
c. Derivação Imprópria ou Regressiva (RIBEIRO, 1933; CUNHA e CINTRA, 1985);  
d. Conversão ou Hipóstase (CUNHA e CINTRA, 1985);  
e. Transcategorização (BARRETO, 1996)

Essa variedade de nomenclaturas parece revelar um panorama de pouco consenso a respeito da natureza do fenômeno. Tal fato fica ainda mais saliente se atentarmos para o debate que o acompanha e que diz respeito, mais especificamente, ao componente da gramática no qual o fenômeno deveria ser analisado. Algumas propostas encontradas na literatura podem ser vistas abaixo:

- (5) a. Semântica (SAID ALI, 1964; CUNHA e CINTRA, 1985)  
b. Léxico (VILLALVA, 2013)  
c. Sintaxe (KEHDI, 1989)  
d. Semântica e Estilística (CEGALLA, 1989)

Dessa maneira, alguns autores propõem que a Conversão não pode ser entendida como um fenômeno morfológico, ou seja, que tal processo nem deve ser compreendido como um processo de formação de palavras propriamente dito.

*A mudança de sentido e de função que sofrem as palavras examina-se em outras partes da gramática, e, a dedicar-se uma parte especial a tão importante assunto deverá denominar-se semântica e não derivação.* (SAID-ALI, 1964, p. 231)

---

*O processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas sim à semântica e à estilística.* (CEGALLA, 1989, p.97)

*A rigor a derivação imprópria [...] não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica e não à da morfologia.* (CUNHA e CINTRA, 1985, p.104)

Dentre as propostas citadas acima, destacamos a de Kehdi (1989), que esboça uma caracterização de teor mais sintático, atribuindo o lugar da Conversão Morfológica a esse componente, especificamente, a partir da ideia de que há traços formais diretamente ligados a esse processo. A análise desenvolvida no âmbito deste artigo segue a intuição levantada por esse autor.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: UM DEBATE SOBRE O LUGAR DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

O lugar da formação de palavras, bem como seu estatuto na teoria da gramática ainda é um tema de debate bastante recorrente na literatura. Este artigo se insere neste debate, levantando a perspectiva de que o fenômeno da Conversão é evidência de uma interação bastante saliente entre a formação de palavras e a formação de sentenças, o que parece sustentar uma perspectiva na qual essas unidades são formadas no mesmo componente.

Mais especificamente, no panorama atual das vertentes gerativistas, podemos dizer que há duas grandes correntes teóricas que debatem o lugar da formação de palavras: as abordagens lexicalistas e as abordagens não lexicalistas. De maneira geral, as propostas de base lexicalista, assumem a possibilidade de que estruturas complexas do nível da palavra sejam formadas no componente lexical. Nessa perspectiva, a categoria é assumida como uma espécie de etiqueta atribuída às formações no léxico. Além disso, se tomarmos a formação de palavra como um processo sistemático que concatena unidades menores para a formação de um objeto linguístico complexo, podemos dizer que, nas abordagens lexicalistas, há dois lugares em que o processo de geração de objetos linguísticos complexos pode acontecer: o léxico e a sintaxe.

Por outro lado, as abordagens de base não lexicalista, têm em comum a rejeição do léxico como componente gerativo, assumindo que tanto as palavras, quanto as sentenças são formadas no mesmo componente, a saber, a sintaxe. Assim sendo, o léxico deixa de ser tomado como um componente formador de estruturas complexas, passando a ser tomado apenas como um lugar de armazenamento de primitivos.

Como consequência, as abordagens não lexicalistas passam a entender a categoria como resultado da organização de elementos no interior do

---

componente sintático e não mais como um rótulo estabelecido no componente lexical.

No que diz respeito à relação entre esse debate teórico e o objeto de estudo deste artigo, o viés teórico não lexicalista parece mais interessante, uma vez que a Conversão é uma forte evidência empírica na sustentação da ideia de que a categoria não pode ser uma propriedade de um item lexical, já que o mesmo item pode aparecer em diferentes categorias. Mais especificamente, a categoria parece ser evidenciada não pela palavra em si, mas pela relação que ela estabelece com outros elementos no interior da sentença.

No entanto, é importante notar que o fenômeno da Conversão tem recebido análises de cunho lexicalista, tal como em Basílio (1982), Flores (2013), Lieber (1992, 2004, 2005) e Villalva (2013). Tais análises serão apresentadas e discutidas na próxima subseção.

## 2.1 Propostas lexicalistas para a Conversão

Basílio (1982), tratando especificamente da Conversão Morfológica entre adjetivos e nomes, propõe uma subcategorização entre os casos que a autora chamou de substantivação plena e substantivação precária.

A substantivação plena diz respeito a elementos que inicialmente são categorizados como adjetivo, mas que apresentam a sua categoria alterada para substantivo, assumindo, assim, todas as características de um nome, como em (6a). A substantivação precária, por sua vez, engloba casos em que a palavra resultante não apresenta todas as características de um substantivo, restando, assim, algumas propriedades que são características de um comportamento adjetival, como em (6b).

- (6) a. O policial cumprimentou o *idoso*.
- b. A professora entregou a prova ao *bonito*.

De acordo com a proposta de Basílio (1982), em (6a) o item *idoso* assume todas propriedades de um substantivo. Entre outros testes, no sistema da autora, a interpretação da forma resultante é essencial para a determinação da categoria. Assim, segundo Basílio (1982), é possível entender que *o idoso*, em (6a) se refere a um indivíduo específico, o qual carrega a característica de ser idoso, evidenciando, assim, uma substantivação completa, plena. No entanto, em (6b), a interpretação que temos, segundo a autora, é a de que, dentre todos os indivíduos, a professora entregou a prova ao indivíduo que era bonito. Assim sendo, Basílio (1982) propõe que o adjetivo *bonito* é interpretado como o referente de um substantivo elíptico, caracterizando assim um caso de substantivação precária.

---

Uma questão que fica latente na proposta de Basílio (1982), é que o limite entre a presença de um substantivo chamado pleno ou de um substantivo elidido não fica claro, uma vez que também é possível atribuir ao item *idoso* em (6a) uma interpretação de que, dentre todos os indivíduos, o policial cumprimentou aquele que era idoso. Tal interpretação é exatamente a utilizada pela autora para definir os casos de substantivação precária. Assim, sendo o limite entre a presença de um substantivo elidido e a Conversão de um adjetivo para substantivo fica bastante frágil.

Retomando a abordagem de Basílio (1982), Flores (2013) analisa formações em X-do, a partir de frases retiradas do jornal O Globo, em que tal elemento parece ocorrer como substantivo. Tal como Basílio (1982), o autor propõe uma divisão entre substantivos plenos tal como *acusado* em (7a) e precários, tal como *afastado* em (7b).

(7) a. O *acusado* jamais negou o recebimento desse dinheiro, que veio do Partido dos Trabalhadores com destinação diferente da imaginada pela acusação.

b. Até o início da noite, o vereador e agora prefeito Sérgio Xavier e o prefeito *afastado* Demerval não tinham comentado o caso.

(FLORES, 2013, p.45 – retirado do jornal O Globo)

Na proposta de Flores (2013), a partir da frase (7a) acima, é possível concluir que a formação X-do *acusado* é um substantivo pleno, uma vez que tal elemento apresenta todas as propriedades típicas de um substantivo. Segundo o autor, essas propriedades ficam explicitadas a partir dos testes de substantivação mostrados em (8) abaixo:

(8) Acusado

- a. O acusado chegou ao tribunal.
- b. A acusada respondeu ao processo em liberdade.
- c. Vi um acusado sorrindo na delegacia
- d. Vi uma acusada sorrindo na delegacia.
- e. Vi três acusados na delegacia.
- f. O advogado de um acusado falou em tortura.
- g. Uma vizinha denunciou esse acusado.
- h. Uma vizinha denunciou essa acusada.
- i. Dei um livro ao acusado.
- j. Dei um livro à acusada.

(FLORES, 2013, p.76)



Por outro lado, a formação X-do *afastado* em (7b), é analisada, pelo autor, como resultado de uma substantivação precária, uma vez que tal elemento não apresenta todas as propriedades típicas de um substantivo. Esse comportamento é explicitado pelo julgamento de gramaticalidade das sentenças abaixo:

(9) Afastado

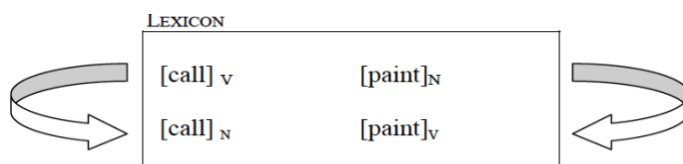
- a. ?O afastado / \*honesto chegou ao tribunal.
- b. ?A afastada / \*honesto respondeu ao processo em liberdade.
- c. Vi ?um afastado / \*honesto sorrindo na delegacia
- d. Vi ?uma afastada/\*honesto sorrindo na delegacia.
- e. Vi ?três afastados / \*três honestos na delegacia.
- f. O advogado de ?um afastado / \*honesto falou em tortura.
- g. Um salva-vidas denunciou ?esse afastado / \*honesto.
- h. Um salva-vidas denunciou ?essa afastada / \*honesto.
- i. Dei um livro ?ao afastado / \*honesto.
- j. Dei um livro ?à afastada / \*honesto.

(FLORES, 2013, p.77)

No entanto, talvez seja possível dizer que a consideração a respeito dos testes em (8) e (9) refletem mais o julgamento do autor do que propriamente o comportamento dos dados, uma vez que tais julgamentos não são consensuais. Nesse sentido, o limite entre uma substantivação plena ou precária ainda não é suficientemente claro, tal como é o caso do julgamento semântico apresentado em Basílio (1982).

Outra abordagem também de teor lexicalista é a proposta de Lieber (1992, 2004, 2005). A autora levanta a hipótese de que a Conversão seria, na realidade, um processo de “relistagem”, em que a mesma forma linguística é (re)listada no léxico, portando informação categorial distinta das que possuía anteriormente. Desse modo, esse processo não seria propriamente de teor morfológico, mas sim o resultado de uma cunhagem que concerne à língua em uso. O processo lexical em questão é ilustrado abaixo:

(10) A relistagem no Léxico (LIEBER 1992, 2004, 2005)



(Baseado em DON, 2005, p.2)

---

Esse tipo de análise é criticado por Don (2005), baseado no comportamento de dados do inglês, do alemão e do holandês. Mais especificamente, Don (2005) apresenta argumentos em favor do fato de que a Conversão, nessas três línguas, está sujeita a restrições gramaticais em variados níveis, tal como o morfológico, o fonológico e o semântico, por exemplo. Restrições desse tipo não poderiam ser previstas, no entanto, por uma proposta que considera o fenômeno como uma relistagem lexical. Dessa maneira, a crítica feita por Don (2005) tem como consequência a caracterização da Conversão como um fenômeno gramatical.

Por fim, a análise desenvolvida por Villalva (2013) propõe a separação do processo de Conversão em dois diferentes subtipos: (i) a Conversão entre raízes, como em (10a) e (ii) a Conversão entre formas flexionadas, como em (10b).

- (11) a. [atac]<sub>verbo</sub> – [ataqu]<sub>nome</sub>  
b. [olhar]<sub>verbo</sub> – [olhar]<sub>nome</sub>

Dessa maneira, segundo a autora, em (11a) temos uma raiz verbal que se converte em uma raiz nominal, gerando pares de dados, tais como *atacar* e *ataque*, respectivamente. Em (11b), por outro lado, a forma flexionada *olhar* é inicialmente um verbo e se converte, já com a marca flexional, em um nome que se superficializa em formações como *o olhar*. Para Villalva (2013), a existência da Conversão entre raízes é uma forte evidência de que esse é um processo que acontece no léxico.

Algumas questões merecem destaque em relação à proposta de Villalva (2013). A primeira delas é a ideia assumida pela autora de que raízes possam apresentar uma categoria intrínseca. Essa ideia é desafiada empiricamente pelo fato de que não são incomuns os casos em que uma mesma raiz aparece em diferentes contextos categoriais. Além disso, nesse sistema, é necessário assumir uma categoria inicial a partir da qual as outras categorias são derivadas. No entanto, a direcionalidade dessa Conversão entre raízes é problemática, de modo que igualmente se poderia assumir que a raiz em (11a) é inicialmente um nome ou ainda que não há relação derivacional alguma entre verbos e nomes, mas apenas o compartilhamento de uma raiz. Ainda é interessante ressaltar que a natureza da operação lexical capaz de transformar a categoria da raiz não é formalmente explicitada, de modo que os limites e as condições desse processo não são explorados.

Na verdade, a autora explicitamente rejeita a ideia de uma raiz acategorial através de argumentos que estão atrelados às propriedades idiossincráticas do processo de Conversão, tais como:

- 
- (i) O gênero e a classe dos nomes  
*[...] fundo and seco are –o ending masculine nouns, whereas mancha and seca are a- ending feminine nouns.* (VILALVA, 2013, p. 125)
- (ii) A variabilidade dos adjetivos  
*[...] fundo/funda is a variable adjective, but doce is invariable* (VILALVA, 2013, p. 125)
- (iii) A classe temática dos advérbios  
*[...] fundo is an –o ending adverb, but firme is an e- ending adverb* (VILALVA, 2013, p. 125)
- (iv) A conjugação dos verbos  
*[...] fundar is 1<sup>st</sup> conjugation and fugir is 3<sup>rd</sup>* (VILALVA, 2013, p. 125)

Para a autora, o fato de tais propriedades não serem previsíveis justifica a inserção desse processo no léxico, lugar tradicionalmente utilizado para tratar de idiosincrasias. No entanto, as questões indicadas em Vilalva (2013) tão somente parecem apontar para o fato de que propriedades, tais como classe nominal, gênero e conjugação verbal são não intrínsecas à raiz propriamente dita, uma vez que a mesma raiz pode aparecer associada a propriedades diversas. Se assim for, as idiosincrasias em questão não se constituem como um argumento propriamente contra a acategorialidade das raízes, mas contra aparelhar a raiz, seja com traço de classe, conjugação ou gênero.

Nesta subseção apresentamos brevemente alguns pontos centrais de abordagens da Conversão desenvolvidas em um viés teórico lexicalista, discutindo as lacunas características a cada uma delas. Na próxima seção, apresentamos uma redefinição sintática do processo, atentando para o fato de que a Conversão parece ser uma evidência empírica em favor da ideia de que a categoria só é definida dentro de um contexto sintático maior, explicitando uma interação entre a formação de palavras e a formação de sentenças.

### 3 UMA ABORDAGEM SINTÁTICA DA CONVERSÃO

A percepção de que as palavras de uma língua podem ser agrupadas em diferentes classes remonta uma longa tradição nos estudos da linguagem. Nascida na tradição grega e filtrada pela visão dos romanos, a divisão nas chamadas “partes do discurso” é uma importante contribuição para o pensamento linguístico, influenciando grande parte da visão que se tem, ainda hoje, sobre a linguagem. Elemento constitutivo das gramáticas contemporâneas, as classes de palavras têm, em sua base, uma divisão funcional e semântica, mas não formal.

---

Com o desenvolvimento das teorias formais de gramática, tal como a tradição de Princípios e Parâmetros, a noção de categoria lexical não atinge grandes avanços em termos explicativos. Em Chomsky (1981:48), por exemplo, as categorias lexicais são caracterizadas pela distribuição de traços  $[\pm N]$  e  $[\pm V]$ , resultando no seguinte sistema:

(12) As categorias lexicais em Chomsky (1981)

$[+N, -V]$ : Nomes

$[-N, +V]$ : Verbos

$[+N, +V]$ : Adjetivos

$[-N, -V]$ : Preposições

Conforme observado em Baker (2003), esse sistema de traços  $[\pm N]$  e  $[\pm V]$  é bastante fraco em termos de conteúdo, apresentando alguns problemas, tais como:

- a) Esse sistema de traços não é bem integrado ao quadro teórico, uma vez que há poucos princípios que se referem a esses valores.
- b) Esse sistema de traços não define com precisão um conjunto de classes naturais coerente, uma vez que os dois únicos pares que não constituem uma classe natural são {Nome, Verbo} e {Adjetivo, Preposição}. No entanto, mesmo esses dois pares podem apresentar similaridades sintáticas translinguisticamente.
- c) Esse sistema de traços não tem nada a dizer sobre outras categorias lexicais, tal como a dos advérbios, por exemplo, que é excluída do rol de primitivos da gramática.

Devido à pouca atenção dada aos fenômenos morfológicos, as abordagens lexicalistas da teoria de Princípios e Parâmetros pouco tem a dizer sobre as diferenças entre as classes de palavras. Uma vez que a categoria morfológica é simplesmente entendida como informação anotada no léxico, o questionamento a respeito de quais são as condições necessárias e suficientes para que determinada categoria seja formada simplesmente não se coloca naquele contexto. Assim, o item lexical é intrinsecamente equipado com informações que se traduzem como verdadeiras instruções para a estruturação sintática, tal como o rótulo categorial, por exemplo. Nesse sentido, há pouco ou nenhum espaço para se colocar em questão a natureza categorial dos itens lexicais.

Modelos baseados nessa noção de léxico acabam por assumir a ideia de que, em algum nível, a estrutura sintática é, basicamente, o resultado da projeção de instruções lexicalmente codificadas. Rappaport Hovav e Levin (1998) se referem a esse tipo de abordagem como Projecionista. A projeção sintática, nesse sentido, nada mais é do que uma espécie de “checagem” de propriedades que são intrínsecas aos itens lexicais e independentes da sintaxe.

---

Repetir essas informações através da projeção de estrutura sintática introduz uma redundância no sistema.

Há evidências empíricas, no entanto, para se duvidar da ideia de que a natureza categorial possa ser intrínseca ao item lexical. De fato, não são difíceis de encontrar casos em que um mesmo elemento pode ser classificado em diferentes categorias lexicais a depender do ambiente sintático no qual ele se insere, tal como fica caracterizado nos próprios dados de Conversão, que acabam por indicar um interessante padrão: quanto mais informação morfossintática, mais clara fica a categoria da formação.

Nessa linha de raciocínio, as abordagens sintáticas de formação de palavras, tal como o quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), doravante MD, e o modelo Exoesqueletal (BORER, 2005a, 2005b, 2013), doravante XS, possuem em sua base a rejeição aos modelos lexicalistas. O sistema computacional (syntaxe) passa a ser visto como responsável pela formação de palavras, sintagmas ou mesmo de sentenças. Nessas abordagens, as categorias lexicais deixam de ter estatuto de primitivo dentro da teoria da gramática, o que é consequência da ideia de que as raízes são entendidas como elementos desprovidos de categoria.

A hipótese de que as raízes são elementos acategoriais tem sido implementada de diferentes maneiras pelos diferentes quadros teóricos. Na MD, por exemplo, tal fato é representado através da postulação da existência de núcleos funcionais especializados (*n*, *v*, *a*), responsáveis por fornecer categoria à estrutura a que eles se anexam. Tais núcleos fazem parte do conjunto de elementos funcionais da língua e estão sujeitos ao processo de Inserção de Vocabulário. Embick e Noyer (2007) sistematizam a necessidade de concatenação entre raiz e núcleo categorizador através da Hipótese de Categorização delineada abaixo:

**Hipótese de categorização:** as raízes não podem aparecer se não forem categorizadas; as raízes são categorizadas através da sua combinação com um núcleo funcional definidor de categoria.” (EMBICK e NOYER, 2007– tradução nossa<sup>5</sup>)

A ideia é que a raiz, desprovida de traços gramaticais, não pode se superficializar sem estar localmente atrelada a um núcleo categorizador (EMBICK e MARANTZ, 2008). Nesse sentido, um nome, por exemplo, é definido na relação local entre uma raiz e um núcleo categorizador *n*, enquanto um verbo é formado através da concatenação entre uma raiz e um núcleo categorizador *v* e assim por diante.

Não é consensual dentro do modelo da MD, no entanto, quais são os traços constitutivos de cada um dos núcleos categorizadores. Sem essa

---

<sup>5</sup> *Categorization Assumption: Roots cannot appear without being categorized; Roots are categorized by combining with category-defining functional heads.* (EMBICK e NOYER, 2007).

---

definição, o sistema perde em poder explicativo, uma vez que as questões a respeito da natureza das categorias lexicais continuam, de certa maneira, sem respostas. Nesse mesmo sentido, a postulação de núcleos categorizadores obrigatoriamente concatenados à raiz tem consequências para a computação de relações de localidade, tal como fica evidente na teoria de Embick (2010) a respeito dos domínios capazes de licenciar interações alomórficas.

A necessidade de que a raiz se concatene a um núcleo especializado, tal como proposto pela MD, é amplamente questionada no modelo XS. Dentro desse quadro teórico, segmentos da Projeção Estendida (no sentido de GRIMSHAW, 1991) podem se concatenar diretamente à raiz, sendo capazes de categorizá-la. Os segmentos da Projeção Estendida são entendidos como pares, em que um dos elementos projeta e apresenta um valor semântico aberto, enquanto o outro membro do par especifica a variedade que tal valor deve assumir. Há uma separação clara no modelo entre elementos que se relacionam à noção de Projeção Estendida (D e T, por exemplo) e os elementos derivacionais (como *-ção*, *-mento*, etc.). Um dos primitivos assumidos no modelo XS é o chamado *S-functor* (Funtor Semântico), que está tipicamente relacionado à noção de Projeção Estendida e corresponde a funções semânticas. Segundo Borer (2013), ele se concatena à estrutura como modificador e é concebido como uma relação entre um valor semântico e uma posição sintática. Nesse sentido, um nome, por exemplo, passa a ser entendido como uma raiz que está no domínio do conjunto de Projeções Estendidas, que caracterizam o nome e assim sucessivamente.

O conjunto de núcleos funcionais que definem a Projeção Estendida de cada uma das categorias lexicais translinguisticamente não é, no entanto, consensual. Sem uma definição precisa dos núcleos funcionais necessários e suficientes para a definição das categorias, as lacunas detectadas nas outras teorias também se fazem presentes no modelo XS.

Diante disso, é possível dizer que a compreensão a respeito da natureza das diferentes categorias lexicais ainda é uma lacuna no desenvolvimento das teorias morfossintáticas, suscitando questões importantes para a compreensão que temos a respeito da língua.

Inserindo-se nesse cenário controverso, este artigo lança como hipótese algumas definições sintáticas que podem contribuir para a compreensão do fenômeno da Conversão. Assim, assumimos que um verbo possa ser definido, por exemplo, como uma raiz que é c-comandada por uma projeção estendida contendo ASP e T. Por sua vez, os nomes podem ser definidos, por exemplo, como uma formação que apresenta traço de gênero valorado e é c-comandada por um núcleo determinante. Por fim, tomamos os adjetivos como uma forma cujos traços de gênero e número são valorados apenas por *Agree* (CHOMSKY, 2001).

---

Desse modo, podemos caracterizar o processo de Conversão como uma mesma realização morfofonológica ocorrendo sob domínio de c-comando de diferentes núcleos de Projeção Estendida na sintaxe, a partir de uma raiz que não apresenta categoria prévia. Trata-se, então, de um processo sintático, na medida em que o contexto estrutural é o responsável por mapear as propriedades categoriais dos elementos que integram a sentença, deixando a natureza categorial evidente apenas a partir da distribuição e do comportamento sintático das formas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho revisitamos as discussões sobre o processo de formação de palavras denominado Conversão Morfológica. Para tanto, estabelecemos um debate teórico bastante importante no desenvolvimento das teorias de gramática a respeito do lugar da formação de palavras, bem como dos tratamentos oferecidos para o estatuto formal da categoria. Em especial, focamos em análises de cunho lexicalista, apontando para as lacunas que esses tratamentos apresentam.

Evidentemente, este trabalho representa um breve recorte para um fenômeno de escopo abrangente, tal qual a Conversão Morfológica, não ambicionando assim, promover uma análise detalhada sobre as nuances de cada tipo de ocorrência de casos de alteração categorial, objetivo que fica saliente para trabalhos futuros.

No entanto, as discussões aqui delineadas abrem a perspectiva para os possíveis ganhos em assumir uma abordagem sintática categorial e, portanto, da Conversão Morfológica, embasada nos pressupostos teóricos dos quadros não lexicalistas, que compartilham entre si duas ideias fundamentais: (i) palavras e sentenças são formadas no mesmo componente da gramática e pelos mesmos processos formais e (ii) a categoria não é uma propriedade dos itens lexicais, mas resultado de uma relação sintaticamente estabelecida. Assim, entendemos a Conversão como uma mesma realização morfofonológica que corresponde a diferentes contextos estruturais.

## REFERÊNCIAS

- BASILIO, M. Substantivação plena e substantivação precária: um estudo de classes de palavras em português. In: Gonçalves, C. A.; Almeida, M. L. L. de. (orgs.) Diadorim. Rio de Janeiro, Ed. 4, páginas 11-24, 1982, 2008.
- BAKER, Mark C. 2003. *Lexical categories. verbs, nouns, and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press 2003.
- BAUER, L. & Varela, S. (Eds.). *Approaches to Conversion / Zero-derivation*. Münster: Waxmann, 2005.

- 
- BORER, Hagit. *In Name Only: Structuring Sense, Vol. I*. Oxford: Oxford University Press. 2005a.
- BORER, Hagit. *The Normal Course of Events: Structuring Sense, Vol. II*. Oxford: Oxford University Press. 2005b.
- BORER, Hagit. *Taking Form: Structuring Sense, Vol. II*. Oxford: Oxford University Press. 2013.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor to Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89-156, 2000.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, MA: MIT, p. 1-52, 2001.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DON, J. *Morphological Conversion*. Utrecht: Research Institute for Language and Speech, 1993.
- DON, J. On conversion, relisting and zero-derivation. *SKASE Journal for Theoretical Linguistics*, 2(2), 2- 16, 2005.
- EMBICK, David; ROLF, Noyer. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, Gilliam; REISS, Charles (eds). *The Oxford handbook of Linguistics Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, p. 298-324, 2007.
- EMBICK, David; MARANTZ, Alec. Architecture and Blocking. *Linguistic Inquiry*, v. 39, n. 1, p.1- 52, 2008.
- EMONDS, Joseph. 1976. *A Transformational Approach to English Syntax: Root, Structure- Preserving*
- FLORES, Fábio . *A conversão adjetivo/substantivo em formações deverbais X-do português do Brasil / Fábio Flores ; orientador: Margarida Maria de Paula Basílio*, 2013.
- GRIMSHAW, Jane. *Extended Projections*. MS, Brandeis University. 1991.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.). *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 111-176, 1993.
- KEHDI, Valter. A derivação imprópria em português. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, vol 30, p. 161-165, 1989.
- LIEBER, Rochelle. *Word Formation Processes in English*. In: Stekauer, Pavol and Rochelle Lieber, Springer, 2005.
- MARANTZ, Alec. . No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander. *Proceedings of the 21<sup>st</sup> Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225, 1997.



---

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um estudo das Formas Participiais*. Tese de doutorado. UFRJ: Rio de Janeiro. 2008.

SAID ALI, M. *Gramática histórica*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SCHER, Ana Paula. *Derivação regressiva em nomes deverbiais do PB e verbos denominais do inglês*. São Paulo: GEL, 2013.

VILLALVA, Alina. Bare Morphology. *Revista de Estudos Linguísticos da Univerdade do Porto*, Vol. 8 – 2013, p. 121 – 141.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 25 de setembro de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 13 de março de 2019.